

O som dos ambientes: uma etnografia de jovens futebolistas

The sound of the environments:
an ethnography of young football players

Julio Cesar Palmieri

Universidade Federal de São Carlos, São Carlos/SP, Brasil
Doutor em Antropologia Social, UFSCar
juliopalmieri@gmail.com

RESUMO: O presente artigo trata de considerar alguns aspectos que comumente não são vistos quando se pensa e se analisa o futebol do ponto de vista da antropologia. No caso, a pesquisa debruçou-se sobre o cenário das categorias de base (notadamente as categorias sub-15, sub-17 e sub-20) e aqui apresento parte de algumas influências que foram encontrados a partir da etnografia. O aprendizado que se relaciona ao jogar futebol muitas vezes escapa às metrificações, medições, esquadrinamentos e racionalizações que seus envolvidos preconizam. Falo, pontualmente, do som, ou dos sons produzidos no ambiente do futebol de base e como este é utilizado como ferramenta para compreensão de um universo particular, um processo de entendimento e concepção que se mostra mais sensível e subjetivo do que normalmente se imagina.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol de base; Som; Ambiente.

ABSTRACT: This article tries to consider some aspects that are not commonly seen when thinking about and analysing football from an anthropological point of view. In this case, the research focused on the scenario of the basic categories (notably the sub-15, sub-17 and sub-20 categories) and here I present part of some influences that were found from the ethnography. The learning that is related to playing soccer often escapes the metrics, measurements, squaring and rationalizations that those involved advocate. I speak, occasionally, of the sound, or of the sounds produced in the environment of football of young players and how it is used as a tool for understanding a particular universe, a process of understanding and conception that is more sensitive and subjective than one normally imagines.

KEYWORDS: Football of young players; Sound; Environment.

A proposta aqui segue na direção de pensar sobre as diferentes e possíveis formas de se ocupar o mundo em que vivemos. Explico: se o esporte, como tantas outras maneiras de se “fazer” o mundo a partir da perspectiva humana é tido como um artefato cultural, cabe a nós tentar construir um caminho para interpretar tal manifestação, em paralelo ao que outras áreas do conhecimento fazem. Seguindo este modo de análise, trata-se de pensar o mundo em que vivemos e caracterizá-lo como algo aberto, ou seja, sem fronteiras, sem dentro ou fora, um mundo que devemos considerar os movimentos, os fluxos, as idas e vindas que constituem a interação entre o ser humano e o meio em que vive. Não falarei aqui sobre como se sucedem alguns estágios e etapas na vida de um aspirante a futebolista profissional; tenho em mente a ideia de que existem distintas forças que interagem com aqueles que habitam o planeta, provocando sensações que modulam, influenciam e por vezes definem a direção que estas vidas tomam com o passar do tempo.

Peço licença ao leitor para introduzir algumas ideias atreladas, sobretudo, a certa antropologia que tem se constituído no debate, e na supressão deste debate, sobre a vinculação entre corpo e mente e entre organismos e meio ambiente. Ao agregar elementos biológicos ao social, Ingold¹ propõe analisarmos a vida humana e de todas as outras coisas aliando ação e percepção, o que indica pensarmos sobre a base biológica do organismo e os estados mentais subjetivos que deste derivam. Ou seja, trata-se de considerar o embate entre o que acontece na esfera externa das matérias e substâncias e na esfera interna da mente e do próprio processo de significação. Entender tal projeto, no sentido de concebê-lo como uma “filosofia com gente dentro”, é entender a concepção do indivíduo como sendo resultado da interação com seu meio e que permanece por toda uma vida, sendo na prática a própria vida. O engajamento individual toma, assim, papel fundamental: “o comportamento social, então, não será visto como causado por genes, nem pela cultura, mas pelo agenciamento do organismo todo em seu ambiente”.² A supressão do argumento antropológico tradicional, localizado, sobretudo, numa sócio-antropologia francesa, indica suavizar a ideia da regulação e da autoridade moral

¹ INGOLD. *The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill; Lines: a brief history; Being alive: essays on movement, knowledge and description.*

² SILVA. A teoria da pessoa de Tim Ingold: mudança ou continuidade nas representações ocidentais e nos conceitos antropológicos?

durkheimiana que institui a vida e assumir uma posição que considera, também, o engajamento e a experiência como formas de habitar o mundo. Como nos indica Sautchuk,³ é questão de pensar “que se trata antes de uma ecologia da comunicação e da ação, onde o fator propriamente ecológico está dado no comportamento dos seres (humanos e não-humanos) uns face aos outros”.⁴

Mas como é essa interação? Ingold⁵ diz que as ações que a caracterizam, isto é, entre as coisas que compõem o mundo e o próprio mundo, se dão no que ele chama de superfícies: são elas que intermediam a relação entre coisas, ou substâncias, e o meio, ou seja, é o “lugar” onde cargas de energia são refletidas ou absorvidas, vibrações passam por e também onde corpos se tocam. Ou melhor, encaro este conceito como uma forma de conceber o espaço onde as ações, em nosso mundo, acontecem. De acordo com Deleuze:

o mundo é feito de superfícies superpostas, arquivos ou estratos. Por isso o mundo é saber. Mas os estratos são atravessados por uma fissura central, que reparte de um lado os quadros visuais, de outro, as curvas sonoras: o enunciável e o visível em cada estrato, as duas formas irreduzíveis do saber, luz e linguagem, dois vastos meios de exterioridade onde se depositam, respectivamente, as visibilidades e os enunciados.⁶

Gostaria de chamar atenção, então, para a ideia de que tudo o que interage nestas tais superfícies faz parte de um mesmo rol de coisas: nestas superfícies vemos interfaces entre materiais de um tipo e de outro, e não entre um material e um não-material. Todos podemos sentir, de algum modo, a matéria de que é composta uma pedra, um pedaço de madeira, ou mesmo o vento que sopra gelado na face, por exemplo. Diferentes modos de interação que geram diferentes sensações, mas sempre entre uma coisa e outra, ambas materiais: “*Like all other creatures, human beings do not exist on the ‘other side’ of materiality, but swim in an ocean of material*”.⁷

Neste oceano surgem diversas propriedades, já que cada material expressa determinadas características, específicas e por vezes exclusivas. Não se pode determinar objetivamente todas estas características, mas se pode “experenciá-las”

³ SAUTCHUK. *O arpão e o anzol: técnica e pessoa no estuário do Amazonas (Vila Sucuriju/Amapá)*.

⁴ SAUTCHUK. *O arpão e o anzol*, p. 85.

⁵ INGOLD. *Being alive*.

⁶ DELEUZE. *Foucault*, p. 128.

⁷ INGOLD. *Being alive*, p. 24.

de modo prático à medida que nossas vidas correm. Desde o momento em que uma criatura nasce, ou qualquer outra coisa que existe em nosso mundo se forma, ela sofre alterações, se movimenta e se mistura, muda. Analisar todo este fluxo de propriedades requer que nos detenhamos, então, às histórias de vida dessas coisas e desses seres já que nada é fixo, tudo se choca e se altera, em maior ou menor grau: “*What we saw were not objects and surfaces, but materials in motions*”.⁸ Proponho, então, pensar nas movimentações das coisas que geram, porventura, outras formações, protuberâncias, crescimento, acontecimentos e, no limite, vidas.

A reflexão aqui é sobre o que pode significar a interação entre ser humano e meio através de variadas formas, ou superfícies. O som, por exemplo, é uma delas. Como estamos imersos no mundo em que vivemos, devemos nos prender às diversas maneiras que se dão tais imersões de acordo com os diferentes sentidos: ver, ouvir, sentir, cheirar, ingerir. Ingold postula a palavra “*weather*” para definir o lugar que os fluxos que ocorrem num determinado meio, o nosso. Esta “atmosfera” é aquilo que nos cerca, mas que não sabemos bem o que é ou como concebê-la.

Seguindo Deleuze, indico que a preocupação de uma análise que se quer fiel sobre aspectos ou superfícies do que consideramos “modernidade” tem de se dar sobre o que se passa “entre”, e não mais buscar um ponto de partida ou de chegada. Falamos, assim, de movimentos e falar em movimentos pressupõe pensarmos na energia que está presente:

há um ponto de apoio, ou então se é fonte de um movimento. Correr, lançar um peso etc.: é esforço, resistência, com um ponto de origem, uma alavanca. Ora, hoje se vê que o movimento se define cada vez menos a partir de um ponto de alavanca. Todos os novos esportes – surfe, windsurfe, asa delta – são do tipo: inserção numa onda preexistente. Já não é uma origem enquanto ponto de partida, mas uma maneira de colocação em órbita. O fundamental é como se fazer aceitar pelo movimento de uma grande vaga, de uma coluna de ar ascendente, ‘chegar entre’ em vez de ser origem de um esforço.⁹

O que apresento aqui segue exatamente esta proposição filosófica, ou seja, trato de analisar o futebol de base como sendo, também, um ambiente onde seus personagens se imergem na atmosfera. Proponho pensarmos na energia dos movi-

⁸ INGOLD. *Being alive*, p. 131.

⁹ DELEUZE. *Conversações*, p. 155.

mentos de acordo com todos nossos sentidos de maneira tal que abrimos o leque e verificamos como são influenciados por “forças” que, *a priori*, não aparecem. É baseado nessas ideias que este artigo traz o papel do som no ambiente futebolístico.

Em geral o ser humano dá um peso muito grande à importância do ato de ver, de enxergar, de usar os olhos para criar e julgar o mundo em que vive. A tentativa se dá no sentido de aproximar esses modos sensoriais e perceber que eles devem ser pensados juntos e não colocados em polos distintos. O mesmo vale para o tato, o olfato e até mesmo paladar. Se o que vemos é um espaço completo e cheio de luz, por que não pensar que este mesmo espaço é composto também por sons? O que dizer então sobre as demais superfícies que podem ser tateadas e que nos atingem à medida que interagimos com elas? É dessa maneira que tais formas de sensação são como experiências:

The sight, hearing, and touch of things are grounded in the experience, respectively, of light, sound and feeling (...) Rather than thinking of ourselves only as observers, picking our way around the objects lying about on the ground of a ready-formed world, we must imagine ourselves in the first place as participants, each immersed with the whole of our being in the currents of a world-in-formation: in the sunlight we see in, the rain we hear in and the wind we feel in. Participation is not opposed to observation but is a condition for it, just as light is a condition for seeing things, sound for hearing them, and feeling for touching them.¹⁰

Nós, seres humanos, e o meio em que vivemos somos, assim, mutuamente constituídos: os significados se dão de acordo com a relação entre as pessoas e o mundo em que elas habitam. É aí que se encontram nossos corpos e percebemos como eles são tomados pela experiência de se ocupar um lugar no mundo, já que tais corpos estão fundidos e imersos nestas forças e nestes movimentos. A partir daí podemos pensar em como desenvolvemos habilidades, conhecimentos e identidades em relação ao nosso redor, no lugar onde nos encontramos à medida que o ocupamos.

É-nos permitido pensar, desta maneira, em muitas manifestações, fenômenos, práticas e costumes que formam a vida das pessoas. O esporte é somente um destes estratos e aqui, mais especificamente sobre o futebol, nos prendemos ao modo como a técnica é apreendida, o corpo é preparado e a mente é testada a

¹⁰ INGOLD. *Being alive*, p. 129.

manter-se focada num objetivo tão claro e definido quanto difícil de ser alcançado, dada a concorrência acirrada e as poucas vagas existentes: tornar-se um futebolista profissional.

Mas como tais conceitos teóricos se mostram ao olhar etnográfico (seguindo Mauss¹¹ e Peirano¹²), uma seara, digamos, mais prática? Este ensaio é parte de um trabalho maior e mais denso, uma tese de doutorado sobre a formação de jovens futebolistas no Brasil, notadamente nas categorias sub-15 e sub-17, mas que se estendeu até o sub-20 em alguns momentos, perseguindo alguns interlocutores com os quais o contato foi mais profundo e também pelo fato de as portas irem se abrindo e o caminho etnográfico sendo permitido, se assim posso dizer. O futebol de base não tem o mesmo apelo do futebol profissional, mas assim foi o objetivo do trabalho maior: buscar na formação os elementos que compõem e que de alguma maneira são buscados para que um jovem aspirante se torne um futebolista profissional.

Desta feita, descrever o que acontece no futebol de base mostra-se uma atividade um tanto peculiar desde o primeiro jogo que se assiste. A começar pelo pouco interesse despertado: normalmente, são poucos os que se põem a ir ao estádio da sua cidade nos finais de semana pela manhã, geralmente, enfrentar algumas condições meteorológicas adversas, quem sabe, e presenciar um jogo um tanto morto que, a princípio, parece não motivar em nada nenhuma das proposições anteriores. Por isso, a grande maioria do público, diminuto é verdade, é composta pelos familiares dos jogadores. E dependendo do lugar em que se acompanha a partida, é possível ouvir não só o que dizem os poucos presentes, mas também as palavras e os gritos que vêm dos bancos de reservas e as conversas entre os atletas e destes com os árbitros. Atentar-se aos sons também pode ser interessante quando há bom público e, conseqüentemente, muito barulho, como em torneios mais conhecidos.

Sendo assim, não podemos deixar de notar a forma como o ambiente proporciona pensarmos a apropriação do espaço a partir dos sons que se escutam numa partida de futebol, aqueles emitidos por seus vários personagens. Além disso, devemos pensar de que modo os sons podem influenciar na construção e de-

¹¹ MAUSS. *Manual de etnografia*, 1993.

¹² PEIRANO. *A favor da etnografia*, 1995.

envolvimento do jogar de um jovem futebolista. Segundo Pistrick e Isuart¹³ citando Rippley, “*sound (as well as vision and smell) and space mutually reinforce one another in our perception, ‘the qualities of a space affect how we perceive a sound and those of a sound affect how we perceive a space’*”. De modo específico, trata-se de pensar o papel do som na apropriação e humanização de alguns espaços socioculturais do futebol: “*this point of view takes into account that sounds are an essential part of the affective and aesthetic properties of a place and that they influence profoundly how we experience places sensually. Moreover, sound can convene a sense of community*”.¹⁴

Além dos sons e barulhos ouvidos nos estádios, procurou-se também analisar e tentar medir o grau de influência que o ambiente proporciona ou de alguma maneira interfere na apreensão das capacidades objetivas e subjetivas pelos futebolistas, principalmente durante as partidas. Foram acompanhadas cerca de 80 partidas de futebol de base e um sem número de treinamentos e jogos-treinos de equipes brasileiras, como São Carlos FC/SP, CR Vasco da Gama/RJ, Clube Atlético Paranaense/PR, Clube Atlético Penapolense/SP; equipes uruguaias, como o Club Nacional de Football e Danubio Futbol Club; e das seleções de base sub-15 e sub-17 de Brasil e Uruguai, no qual foi desenvolvido um trabalho comparativo entre as duas seleções.¹⁵ Pois bem, em agosto de 2013, acompanhava um jogo do Campeonato Paulista sub-20¹⁶ e um detalhe chamou a atenção logo que cheguei, antes do apito inicial, mas que ressoou em algum momento do segundo tempo, quando acompanhava as movimentações do outro lado do campo. Um membro da comissão técnica do time da casa gritou com um dos zagueiros antes de um escanteio adversário: “olha o vento, atenção com o vento”. O ar soprava forte no sentido a favor do ataque rio-clarense e era preciso ainda maior atenção por parte dos defensores naquele momento.

¹³ PISTRICK; ISNART. Landscapes, soundscapes, mindscapes: introduction, p. 503-513.

¹⁴ PISTRICK; ISNART. Landscapes, soundscapes, mindscapes, p. 503-513.

¹⁵ O trabalho completo, do qual parte este ensaio, é: PALMIERI, J. C. J. *Um mundo em vários movimentos: uma etnografia sobre futebolistas de base*. Tese de Doutorado, Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, 2015.

¹⁶ São Carlos FC 2 x 0 Rio Claro FC, dia 10 ago. 2013, estádio Luís Augusto de Oliveira (Luisão), em São Carlos/SP.

Na segunda etapa, com o vazio do estádio, era possível perceber a trilha sonora produzida pelos papéis arrastados pela brisa e pelas faixas de impedimento colocadas pelo policiamento para evitar um dos setores da arquibancada, interdito. O sossego era tamanho que o árbitro da partida fez piada comigo quando o jogo parou rapidamente, por contusão de um atleta, próximo à linha lateral: “amigo, você é mesmo corajoso. Assistir a esse jogo daí, sozinho? Pode reclamar comigo à vontade!”.

Naquele momento eu era o único presente daquele lado do estádio: todos os outros estavam na arquibancada coberta, protegendo-se do sol, do outro lado. A quase ausência de barulho permitiu-me ouvi-lo conversando com os atletas e explicando suas decisões; conversava também com os treinadores após reclamações que vinham dos bancos de reservas e a todo momento confirmava uma marcação com seus auxiliares. Só foi possível ouvir todos esses eventos porque o silêncio reinava naquela região do estádio.

Em outro cenário – San Luis, Argentina – o estádio estava abarrotado numa noite de domingo em abril quando do clássico Argentina x Brasil, pelo Campeonato Sul-Americano sub-17 2013. Muito barulho se ouvia e viam-se quase todos os presentes – cerca de 20 mil pessoas – agitando pequenas bandeiras em azul e branco. Cada vez que um atleta brasileiro tocava a bola, ouvia-se uma vai estrondosa até que a seleção argentina recuperasse o artefato. De alguma forma, esta atmosfera influencia no comportamento dos atletas em campo, para o bem ou para o mal, argentinos ou brasileiros. Diferentemente, é bastante conhecido o grande silêncio da história do futebol mundial, provocado pelo gol marcado por Ghiggia, na final da Copa do Mundo de 1950. Os uruguaios venceram o Brasil por 2 a 1 e calaram os quase 200 mil presentes, culminando num episódio marcado para sempre na história do futebol brasileiro: o *maracanazzo*.

Buscou-se caminhar pelo que a sensibilidade e a percepção aguçada pode nos proporcionar. O fato é que os humanos e as coisas precisam também ser concebidas como co-partícipes de um mesmo plano, um mesmo estrato onde se dão os acontecimentos. Vejamos o que foi visto durante a 45ª edição da Copa São Paulo de Futebol Júnior (popular Copinha), em 2014. Parto de um espaço “sagrado” no futebol: o vestiário. Este caráter não é assumido em eventos cotidianos, como du-

rante a semana de treinamentos e preparação para os jogos. Mas no dia de uma partida o vestiário é, sim, um lugar de interditos, primeiro porque não é facilmente acessível: é preciso certa inserção num ambiente de um clube para viver o que se passa naquele recinto, um lugar que acolhe rituais, pessoais ou coletivos, que expressam manifestações de fé, devoção e entrega religiosa. Não é raro notar, mesmo com a forte presença de outras religiosidades em que se condena a idolatria, tais como denominações pentecostais, a existência de um pequeno altar, localizado num canto e ocupado por imagens de santos.

No estádio Luisão, onde atua o São Carlos Futebol Clube, o vestiário se encontra sob o solo, localizado na parte subterrânea de uma área entre o campo de jogo e o local onde está parte das arquibancadas. Dali se ouve, por exemplo, um pouco do barulho que os torcedores fazem desde o local de onde assistem ao jogo. O ar que adentra o túnel desde as escadas vem lá do campo e traz consigo o som das arquibancadas. Apenas parte deles, é verdade. Ainda que de modo suavizado, dali já é possível sentir o clima que se encontrará minutos mais tarde ao subir ao gramado. Quando a porta é fechada, na busca pelo silêncio que aumenta a concentração, escuta-se quase somente o som produzido dentro daquele recinto: os atletas vestindo os uniformes e cantando músicas de incentivo ou relaxamento, seja de modo individual por intermédio dos aparelhos digitais e fones de ouvido, seja de modo coletivo, pelos alto-falantes do aparelho de som que lança no ambiente alguma canção famosa que todos eles apreciam. Isso os motiva e os relaxa – digo isso a partir de suas expressões corporais – e entre uma peça de uniforme vestida e outra, a preparação do pré-jogo vai sendo finalizada. Outro barulho onipresente é a batida com eco emanado da bola de couro quando se choca com a parede, que devolve o artefato ao chutador quase com a mesma força que recebeu. Pancadas e mais pancadas com os pés, joelhos e cabeçadas são distribuídos por todos os atletas pelo ambiente, que não deixam de conotar um “brincar” com a bola, o objeto mais cobiçado do recinto, enquanto alongam os corpos equilibrando-se em si mesmos.

É também no recinto do vestiário que membros da comissão técnica tentam, através do barulho, excitar ainda mais os jovens futebolistas. O preparador físico, ao retornar do aquecimento que fora realizado em campo, bate com toda a força a porta de metal, assustando até mesmo quem flagrou a cena, tamanho es-

trondo. Na sequência, põe-se a gritar com efusão, chamando os jogadores aos estímulos e a “acordarem”, como se todos já não estivessem despertos o suficiente. É por isso que pensar os sons ajuda na percepção de como é buscada a máxima concentração para realizar as atividades em campo. Tais atos contagiam o outro e parece que uma cadeia de energia é estabelecida e reforçada a cada segundo, por distintas ações: “não deixa cair!”, “vamos!”, “não para!” são algumas frases de efeito que ecoam pelo pé direito alto daquele salão do antigo e acanhado estádio. À propósito, Mauss já atentara para a significação dos sons:

todas essas expressões coletivas, simultâneas, de valor moral e de força obrigatória dos sentimentos do indivíduo e do grupo são mais do que simples manifestações, são sinais, expressões compreendidas, em suma, uma linguagem. Esses gritos são como frases e palavras. É preciso dizê-las, mas é preciso dizê-las porque todo o grupo as compreende.¹⁷

Após vestirem-se, é hora da reza, a oração que antecede muitas partidas em gramados brasileiros. Neste trabalho, não se dedicou especial atenção a esses momentos, tão profundamente explorado alhures – destaque para o trabalho de Petrognani (2016), dentre outros. Depois dessa profusão de imagens e gestualidades fragmentadas, porém muito expressivas porque eficazes, todos se abraçam e então se inicia uma tradicional cantoria, bastante característica da base são-carlense. O capitão é que puxa o ritmo que, tão logo tem início, contagia a todos: jogadores, comissão técnica e dirigentes presentes. Seguem cantando, cada vez mais forte, até a boca do túnel, o último momento antes de subirem as escadas e encontrarem o campo de jogo. Assim dizia a letra:

eei, ôô, eei, ôô
 eu tenho uma mania que virou uma tradição
 de nunca me entregar e nem cair no chão
 eu jogo no São Carlos com amor no coração
 e honro essa camisa com raça e união.

Notemos a letra da música cantada pelos jogadores da base são-carlense. Elas indicam certo pertencimento ao clube, uma identificação que se distancia, consideravelmente, do que se vê no cenário profissional. Jogadores deste futebol

¹⁷ MAUSS. A expressão obrigatória dos sentimentos (rituais orais funerários australianos, 1921), p. 332.

não costumam entoar canções que tragam na letra uma profunda identificação com o clube, nem durante o pré-jogo, nem ao término de um campeonato conquistado, como fizeram também os garotos do Clube de Regatas Vasco da Gama, em semelhança ao que vimos em São Carlos, ambos ambientes de base. No clube carioca a letra costumeiramente cantada em uníssono diz:

De todos os amores que eu tive és o mais antigo
 Vasco minha vida, minha história, meu primeiro amigo
 Quem não te conhece me pergunta por que te segui
 Eu levo a cruz de malta no meu peito desde que nasci
 E eu não paro, não paro não
 A cruz de malta, meu coração
 Vasco da Gama, minha paixão
 Vasco da Gama, religião.

Fica claro que neste ambiente há dose considerável de identificação e laços subjetivos e emocionais estabelecidos entre clube e jogador. Muitas vezes, um futebolista atua no mesmo clube desde muito pequeno. Ao transitar pelas categorias, vai criando vínculos e raízes dentro do clube, através dos funcionários, dirigentes, torcedores e a própria inserção da família nestas relações, já que estão sempre presentes. Toda esta rede de laços se amarra de modo muito tenso mas que, ao mesmo tempo, por inúmeros possíveis fatores, pode se romper a qualquer momento. Entre infantis, juvenis e juniores pode-se perceber algum sentimento de paixão dos atletas para com a camisa que vestem a cada dia, o que é minimizado no ambiente profissional onde tais relações e adesões são marcadamente ditadas por outras lógicas, tais como as mercadológicas.

A ideia de espaço aqui utilizada, assim, é aquela que o considera não como uma dimensão abstrata, mas como palco da coexistência de relações sociais em todas as escalas geográficas, por assim dizer. Alterando a configuração espaço-temporal através da qual concebemos um jogo de futebol, percebemos que faz algum sentido pensar no ambiente como sendo algo complexo e num outro sentido que não o comum, que tende a minimizar o papel do barulho, ou de modo mais geral, do som, na percepção dos acontecimentos que se dão numa partida. Indica-se que o som tem papel ativo na construção de nosso meio espaço-temporal, ou seja, na produção do significado de lugar entre os seres humanos:

*sounds mobilize feelings of belonging and nostalgia, they may transmit a (virtual) idea of home, and they may fill a place with ideas about the past, the present and the future. They are even capable of creating evocative mindscapes with reference to physical realities (...) sounds, in this sense, already participate in making more flexible our notions of locality, authenticity, belonging, identity and nationality.*¹⁸

Nos casos observados, a ideia de nos dedicarmos aos sons ao redor parece ainda mais pertinente pelo fato de vários jogadores morarem ali mesmo, logo ao lado do vestiário, sob às arquibancadas. Em São Carlos, os alojamentos situam-se a poucos metros e sentimentos como pertencimento e a noção de casa, como visto anteriormente, tornam ainda mais nítido a influência exercida pelos sons produzidos. No Vasco, isso também pôde ser percebido, já que os garotos jogavam como que no quintal de casa: também são apenas alguns metros que separavam os alojamentos do campo onde o clube mandava seus jogos, no Centro de Treinamento de Itaguaí-RJ. Tudo fica dentro de um mesmo complexo onde funciona o futebol de base do alvinegro carioca.

Já em campo o barulho da torcida é o que mais se pode escutar durante o jogo, como bem mostrou Toledo.¹⁹ Caso o estádio esteja vazio, pode-se escutar com ainda mais clareza o que gritam pais, mães, irmãos, além do treinador, um dirigente a cobrar mais empenho e mesmo torcedores incentivando ou criticando. Num São Carlos x SE Palmeiras que valia a classificação para a segunda fase da Copinha-2014, o atacante Luciano chegou aos vestiários para descansar no intervalo um tanto nervoso. Parecia já saber das broncas que viriam do treinador. Durante quase toda a primeira etapa, a marcação pelo lado esquerdo da defesa de sua equipe, de responsabilidade do próprio Luciano e de seu companheiro Lucas, esteve frouxa, causando muito problemas. O treinador cobrou o garoto que, ainda assustado e esbaforido e tentando descansar, justificou-se: “Professor, eu não ouvia nada. Eu não ouvia nem o Lucas do meu lado, quanto mais o senhor! A torcida deles tá fazendo muito barulho lá!”. Lá era onde os torcedores palmeirenses, adversários, concentravam-se, exatamente do lado oposto dos bancos de reserva onde se encontrava o treinador. Desesperado pelas falhas dos atletas e tentando corrigir a situação, o comandante se esforçava para se fazer ouvir a muitos metros de distân-

¹⁸ PISTRICK e ISNART. *Landscapes, soundscapes, mindscapes*, p. 503-513.

¹⁹ TOLEDO. *Torcidas Organizadas de Futebol*.

cia, sem sucesso, abafado pelos cânticos e batuques dos bumbos. Os erros cometidos naquela primeira etapa, completamente envolta em “barulho alviverde”, poderiam ter sido evitados se as instruções do treinador fossem ouvidas pela dupla Luciano/Lucas? Não sabemos. No segundo tempo, jogando bem ao lado do banco de reservas de sua equipe, Luciano e seu companheiro se acertaram, assim como toda a equipe. O domínio adversário deixou de reinar em campo e, ainda que tenham marcado um gol, a segunda etapa mostrou-se um confronto muito mais equilibrado.

Na fase seguinte, a equipe teve de deixar sua casa e seguir para o norte, rumo a Novo Horizonte-SP, cidade que receberia o confronto contra o Coritiba FC. O jogo estava marcado para as 14hs e fazia muito calor. No micro-ônibus cedido pela organização do torneio a caminho do estádio, os jogadores do São Carlos cantavam em uníssono letras de *funk* carioca parodiadas de modo a achincalharem algum colega de equipe, tudo numa divertida brincadeira que contagiava até mesmo alguns membros da comissão técnica: eles não podiam evitar as risadas. Ninguém podia. A cada esquina eram estranhos os olhares dos pedestres destinados àquele barulhento coletivo pela pequena cidade interiorana.

Mais uma vez encontrou-se um estádio quase vazio, já que a equipe da casa, o Grêmio Novorizontino, havia sido eliminada exatamente pela equipe alviverde, que então passou a ser o time a ser batido. A partida terminou empatada em 2 a 2. Seguindo o regulamento, tivemos a famigerada disputa de pênaltis. Ao final, extasiados pela emocionante vitória e mais uma classificação garantida, houve muita comemoração nos vestiários. Entre cantorias e berros, gargalhadas e desabafos, o goleiro Guilherme confessou ter recebido uma ajuda peculiar do gandula,²⁰ situado logo atrás de sua meta, que narrou para o arqueiro são-carlense os lados em que os atletas do Coritiba bateriam as cobranças.

Os paranaenses jogaram todas as três partidas ali, naquele estádio, e na véspera daquele confronto ali treinaram também. Como é comum em competições que prescrevem a disputa de penalidades máximas após empate no tempo normal,

²⁰ Gandula é o responsável por buscar as bolas que saem do gramado. A origem do termo vem do Vasco da Gama, que contratou um atacante argentino chamado Bernardo Gandulla em 1939. Ao não se adaptar ao estilo de jogo brasileiro e querendo mostrar serviço, o atacante, que pouco entrava nas partidas, punha-se a buscar as bolas que deixavam o campo de jogo, inclusive quando a posse de bola pertencia ao adversário.

os jogadores treinaram uma série de cobranças no dia anterior. E o gandula, que tudo havia acompanhado, ajudou Guilherme. Segundo as palavras do jovem arqueiro, ele acertou quase todos os palpites. Ainda atônito e não crendo nas palavras sussurradas pelo buscador de bolas, Guilherme somente passou a aceitar as dicas a partir da terceira cobrança. Surtiu efeito e a classificação foi obtida após uma defesa e outro erro de um jogador do Coritiba. A bola foi na trave, mas Guilherme acompanhou de perto o viajar do artefato; como se diz, “o goleiro estava nela”, estava no canto narrado pelo gandula, proporcionado pelas intenções acionadas e pelo silêncio do estádio. Silêncio que tomou conta do vestiário são-carlense na fase seguinte, após a derrota e a eliminação frente ao SC Internacional. A eliminação destruiu muitos sonhos alimentados por uma campanha tão inesperada quanto firme, na qual a equipe sofreu poucos gols e só foi batida uma única vez, exatamente neste último jogo. O ambiente desolador, silencioso e, em alguma medida, fúnebre dos vestiários após o jogo contrastou-se com os outrora momentos felizes, de êxtase e alegria vividos naquele mesmo recinto sagrado. Não se ouvia músicas, não se ouvia gritos, não se ouvia nada além do choro contido e das palavras que alguns sussurravam nos ouvidos de outros na tentativa de reerguerem-se.

Mendoza, na Argentina, foi sede do XV Campeonato Sul-Americano sub-17 em 2013. As primeiras rodadas eram duplas, de modo que a cada dia eram dois jogos em sequência para ver. Nestas partidas, o público era bem modesto e o estádio Malvinas Argentinas, um colosso para mais de 40 mil pessoas, ecoava os gritos até mesmo do seu outro lado. Sentado no extremo oposto da localização do banco de reservas da seleção brasileira, acompanhei Brasil x Chile.²¹ Dali pude escutar quase todas as palavras proferidas pelo treinador a seus comandados, pelo quase silêncio nas arquibancadas e também pela posição ocupada. A todo momento o treinador brasileiro passava alguma instrução a seu capitão, o zagueiro Lucas Silva: “Lucas, a equipe parou de jogar”; “Lucas, 38 minutos já”; “Pede para o Auro [lateral-direito] segurar um pouco mais, Lucão” foram algumas das muitas instruções ouvidas e executadas pelo capitão da seleção brasileira. Dali também vi, um pouco, e ouvi, muito, alguns torcedores brasileiros a incentivar os atletas em campo. Mais

²¹ Brasil 1 x 0 Chile, jogo realizado em Mendoza, Argentina, no dia 03 abr. 2013, pela primeira rodada do XV Sul-Americano sub-17.

uma vez, a posição ocupada proporcionava escutar tudo que falavam, e tenho certeza de que isso também era válido para os atletas e comissão técnica.

Do outro lado do estádio foi bem fácil de escutar os gritos dos familiares dos jogadores brasileiros que acompanhavam o torneio viajando pela Argentina. O grupo era formado por cerca de nove pessoas, entre pais, mães, irmãs e tios, além de um agente. Sempre se sentavam próximos uns aos outros, devidamente uniformizados com peças de uniforme da seleção adquiridas pelos filhos jogadores, o que os identificava mesmo de longe. Mas o que mais chamava atenção era o barulho causado pela sua torcida. Gritos de incentivos surgiam durante toda a partida. Cobranças também vinham, tanto para os filhos como para a comissão técnica. Na partida em que os brasileiros enfrentaram os bolivianos,²² a equipe verde-amarela apresentou um futebol muito apático na primeira etapa. Talvez pela aparente fragilidade do adversário, o que pode ter contribuído para que os jogadores atuassem de modo mais desatento, acreditando que a vitória poderia ser definida a qualquer momento. O fato é que bastou começar o segundo tempo para se ouvir cobranças mais ríspidas vindas dos familiares dos jogadores: “Como é que é, hein, vamos amarelar para a Bolívia, meninos? Tá muito mole isso aí, viu!” gritava a mãe de um atleta. Seu filho jogava, à época, no Fluminense e podíamos ouvir seu pronunciado sotaque carioca desde dois anos antes, no Uruguai, quando do Sul-Americano sub-15 – Vinícius também figurava naquele grupo do selecionado infantil e eu estive nas arquibancadas em Rivera e Trinidad, cidades-sede do torneio no Uruguai. O indefectível “Vai Brasil!” ressoava-me nostálgico, então. Mais gritos continuavam a ecoar pelo Malvinas Argentinas e o segundo tempo foi bastante diferente: muita disposição nas jogadas, velocidade nos ataques e três gols marcados. A cobrança parecia ter surtido efeito.

Neste mesmo torneio e ainda durante a primeira fase sempre ouvia gritos vindo de um setor específico das arquibancadas quando o goleiro brasileiro Marcos, do Fluminense, fazia alguma intervenção na partida. Foi preciso um pouco de atenção e astúcia para rastrear aqueles berros fortemente carregados de um sotaque típico do nordeste brasileiro: era Eduardo Bahia, preparador de goleiros da

²² Bolívia 1 x 3 Brasil, jogo realizado em Mendoza, Argentina, no dia 09 abr. 2013, pela terceira rodada do XV Sul-Americano sub-17.

seleção, que elogiava seu pupilo a cada boa defesa (“Boa, Marcão”), a cada reposição de bola realizada (“Bela batida, Marcos”) e a cada saída de bola bem efetuada (“Olho no atacante deles, Marcão”). Goleiros são especialistas e tratados de modo bastante peculiar: para tanto, trabalham em separado na maior parte do tempo de treinamento e são preparados por um profissional também específico. Daí o cuidado e a atenção dispensada por Eduardo ao jovem arqueiro brasileiro. As palavras eram escutadas porque permitidas pelo pouco barulho produzido no setor dos torcedores, de onde eu assistia aos jogos. E, no geral, goleiros costumam falar mais que atletas de outras posições, outra peculiaridade. Vêm mais sons dos goleiros do que de um atacante, por exemplo, muito porque estão a observar o jogo por mais tempo – não participam tanto como um jogador de linha – desenvolvendo essa capacidade. Por sinal, Néelson Rodrigues immortalizou no domínio da literatura esportiva a peculiaridade da função de goleiro, ao prosar sobre Barbosa:²³

O problema do arqueiro, porém, não se resume ao desgaste físico. Não. Ele sofre um constante, um ininterrupto desgaste emocional (...) Ele traz consigo uma sensação de responsabilidade que, por si só, exaure qualquer um. Amigos, eis a verdade do futebol: o único responsável é o goleiro (...) Um atacante, um médio e mesmo um zagueiro podem falhar. Só o arqueiro tem que ser infalível. Um lapso do arqueiro pode significar um frango, um gol e, numa palavra, a derrota. Vejam 50. Quando se fala em 50, ninguém pensa num colapso geral, numa pane coletiva. Não. O sujeito pensa em Barbosa, o sujeito descarrega em Barbosa a responsabilidade maciça, compacta, da derrota. O gol de Gigghia ficou gravado, na memória nacional, como um frango eterno. O brasileiro já se esqueceu da febre amarela, da vacina obrigatória, da espanhola, do assassinato de Pinheiro Machado. Mas o que ele não esquece, nem a tiro, é o chamado ‘frango’ de Barbosa.²⁴

Assim que a partida começava era possível ver Eduardo subir correndo as escadas, devidamente uniformizado com as cores do selecionado brasileiro, a procurar por um lugar próximo à linha de fundo da meta ocupada pelo seu pupilo. Daí, com uma prancheta e caneta em mãos, anotava tudo que se referia às ações do

²³ Moacir Barbosa Nascimento (27 mar. 1921) foi goleiro profissional entre 1940 e 1962, tendo jogado por sete clubes e defendido a seleção brasileira em dezessete partidas. Era o goleiro titular do Brasil na Copa do Mundo de 1950, disputada no país. Ficou marcado pelo segundo gol sofrido na final, diante do Uruguai, que definiu o placar adverso em 1 x 2. Todo o episódio da derrota da seleção brasileira em casa, no que seria o primeiro título mundial, é até hoje conhecido e lembrado como *Maracanazo*.

²⁴ VASCONCELLOS. *Recados da bola: depoimentos de doze mestres do futebol brasileiro*, p. 58.

goleiro entre um grito e outro. Na fase final da competição, entretanto, com o estádio em San Luis mais cheio – especialmente no clássico contra os donos da casa – Eduardo e outros membros da comissão técnica juntavam-se no centro das arquibancadas, ocupando um espaço que lhes foram reservados pela organização do torneio. Não se ouvia mais o preparador ajudar e manter contato direto com seu arqueiro. Era como se Marcos, em alguns confrontos da fase final, jogasse sozinho, sem o som que o guiava, o acompanhava e o incentivava, algo que seus demais companheiros mantinham pela sempre ativa voz de seu treinador.

Muitos desses jovens futuros profissionais jogam no quase silêncio ou no ritmo de seus familiares que tentam, em vão, simular os sons feéricos vindos das arquibancadas dos estádios, e embora os campeonatos sejam oficiais, não dão conta de simular todas as variáveis e situações que encontrarão no regime profissional. Desse modo, os jogos da base guardariam essa peculiaridade que parece impor mesmo aos jogos oficiais a aparência de um laboratório e experimento.

As ideias apresentadas nos levam a pensar, por agora, que não se pode separar as distintas maneiras de se perceber o nosso redor. À medida que nossas vidas correm, utilizamo-nos de nossos diferentes sentidos para apreciar, apreender, sentir e se relacionar com o meio. Como dito, em geral, dedicamos muita atenção ao que os olhos veem e nos esquecemos, ou não percebemos, como pode ser muito mais questionador e enriquecedor sentir, cheirar, tatear e ouvir as coisas do mundo. E, claro, ver as coisas do mundo. “Experenciar” o que está ao nosso redor e notar como nos adaptamos, como aprendemos, como conhecemos e como questionamos indica pensarmos que os sentidos utilizados são inseparáveis. E isso foi possível graças a cenários nos quais os estádios estavam cheios e barulhentos; outros, tão vazios que se escutavam as vozes dos familiares tentando apoiar e ajudar de longe os jovens em campo. Em cenários de silêncio e concentração; outros embalados por *funks* com a cara dos garotos, sucedidos por rezas profundas; mistura de sons e cheiros de vestiários, tensão no ar do pré-jogo ou da preguiça que aparenta estar presente antes de um mero treino físico, sem bola, daqueles que os aspirantes normalmente não costumam gostar. Muitos foram os momentos observados e aqui se tem uma simples tentativa de trazer ao leitor alguns desses, tentando entendê-los a luz da antropologia e da etnografia.

REFERÊNCIAS

- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- INGOLD, Tim. **The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill**. New York: Routledge, 2000.
- INGOLD, Tim. **Lines: a brief history**. New York: Routledge, 2007.
- INGOLD, Tim. **Being Alive: essays on movement, knowledge and description**. New York: Routledge, 2011.
- MAUSS, Marcel. **Manual de etnografia**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1993.
- MAUSS, Marcel. A expressão obrigatória dos sentimentos (rituais orais funerários australianos, 1921). In: _____. **Ensaio de Sociologia**. São Paulo: Perspectiva, 2001, p. 325-333.
- PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- PETROGNANI, Claude. **Futebol e religião no Brasil: um estudo antropológico do pensamento**. (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.
- PISTRICK, Eckehard; ISNART, Cyrill. Landscapes, soundscapes, mindscapes: introduction. **Etnográfica**, v. 17, n. 3, p. 503-513, 2013.
- SAUTCHUK, Carlos Emanuel. **O arpão e o anzol: técnica e pessoa no estuário do Amazonas (Vila Sucuriju/Amapá)**. (Tese de Doutorado). Universidade de Brasília (UnB), Brasília, 2007.
- SILVA, Regina Coeli Machado. A teoria da pessoa de Tim Ingold: mudança ou continuidade nas representações ocidentais e nos conceitos antropológicos? **Horizontes Antropológicos**, v. 17, n. 35, Porto Alegre, 2013.
- TEIXEIRA, Rafael Henrique. *Lines: a brief history*, New York: Routledge, 2007 [Resenha]. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 15, n. 31, 2009.
- TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas Organizadas de Futebol**. Campinas: Autores Associados/ANPOCS, 1996.
- VASCONCELLOS, Jorge (Org). **Recados da bola: depoimentos de doze mestres do futebol brasileiro**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

* * *

Recebido: 15 de dezembro de 2023.
Aprovado: 16 de maio de 2023.